

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Brasil Presidencial Explorando contradições

No momento oportuno, que ainda ninguém revela quando será, o governo jogará pesado contra a oposição. Por enquanto, os que têm responsabilidade em promover a virada de Fernando Henrique Cardoso nas pesquisas dizem apenas que a estratégia da subida se resumirá a uma atitude propositiva pela qual o governo submeterá suas ações a uma superexposição, repetindo a todo instante o que faz, como faz, para que faz e quanto faz.

Com isso, esperam que o eleitorado chegue à conclusão de que antes o terreno firme do certo do que a aventura daquilo que ainda é duvidoso. É uma aposta, porém, cujo desempate só se dará com a abertura das urnas ou em data perigosamente próxima dela. Como ninguém está disposto a ficar muito tempo pagando para ver se a queda nas pesquisas reflete apenas uma baixa na popularidade do presidente ou se revelam de fato uma intenção eleitoral, algumas providências de maior vulto já estão sendo diariamente discutidas.

Uma delas é a ofensiva sobre o PT. Resume-se a desmontar o discurso moderado, pró-estabilização da moeda e a favor de algumas medidas do governo que têm apoio popular, que vem assumindo a esquerda desde que enxergou luz onde só havia escuridão.

A idéia é mostrar à população o comportamento do partido nesses três anos e meio, suas votações no Congresso e posições defendidas publicamente não apenas pelos políticos ligados a ele, mas também por lideranças que o apóiam. Por exemplo, à afirmação de Luiz Inácio Lula da Silva de que o capital externo é bem-vindo contrapõe-se a afirmação de João Pedro Stédile, do MST, em Viena, pedindo que os investidores estrangeiros não tragam seu dinheiro para o Brasil.

Como esse, há outros casos. O mais óbvio, a aposta feita pelos economistas do PT na campanha de 1994 de que o Plano Real era apenas eleitoreiro e que seria desmontado, com a conseqüente volta da inflação, logo depois da eleição. As votações do partido no Parlamento servirão para demonstrar, segundo a ótica do governo, que o PT sempre foi e sempre será contra as reformas e, em alguns casos, a favor da manutenção de privilégios.

Ou seja, a tática é explorar as contradições entre o que diz esse PT, que agora pretende conquistar eleitores e o que, nos últimos anos, fez esse mesmo PT cuja única preocupação era firmar posição contra o governo.

Mas esse é apenas um dos pontos da estratégia que está sendo montada e a respeito da qual pouco se revela. Não se sabe se pela necessidade de preservar surpresas ou se porque, de fato, o comando de campanha ainda não chegou a uma conclusão sobre que tipo de atitude fará com que o eleitorado retome a reverência que dedicava ao presidente.